

# Quinta da Ponte: Ideias para o desenvolvimento de uma granja proto-histórica em Briteiros\*

Gonçalo Cruz\*\*

## 1

### Introdução

O conjunto de antigos terrenos agrícolas conhecido como “Quinta da Ponte”, integram as propriedades rurais pertencentes à família de Francisco Martins Sarmento, na freguesia de S. Salvador de Briteiros (Guimarães), legadas em testamento, em finais do século XIX, à também oitocentista Sociedade Martins Sarmento. A quinta integrava o Solar da Ponte, residência dos proprietários, as casas habitadas pelos trabalhadores rurais (imagem 1), alpendres, currais, eira e espigueiro, bem como os terrenos circundantes, utilizados no cultivo de cereais, vinha, hortícolas e algumas árvores de fruto.

---

\* Trabalho dedicado a Francisco Sande Lemos, Director Científico da Sociedade Martins Sarmento, e nosso estimado orientador profissional, que impulsionou o projecto de adaptação da Quinta da Ponte a uma granja proto-histórica.

\*\* Arqueólogo da Sociedade Martins Sarmento.



Imagem 1 – Trabalhadores rurais na Quinta da Ponte, junto ao solar. Cliché de Ricardo Severo, 1897. Arquivo da Sociedade Martins Sarmento.

O Solar da Ponte, onde Martins Sarmento passaria a maior parte da sua infância, acabaria por se tornar na base logística para as escavações que desenvolveu na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, entre os anos de 1875 e 1888, além de ter sido ponto de reunião da "Conferência da Citânia" de 1877, e da excursão ao Norte de Portugal do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, em 1880. Foi também local de viliégiatura de Sarmento, no Outono ou na Primavera, e mesmo local de refúgio de Camilo Castelo Branco, na década de 1850.

Após o falecimento de Martins Sarmento, a Quinta da Ponte continuou a ser utilizada como exploração agrícola, nomeadamente pelas famílias de caseiros que habitaram as construções localizadas junto à vivenda dos proprietários. O próprio solar viria a ser utilizado como escola primária, na década de 1930. Não voltou todavia a ser habitado, o que provocou uma progressiva degradação do edifício. A partir da década de 1970, a insustentabilidade da exploração

agrícola conduziu a uma progressiva inutilização da propriedade, que não voltou a ser cultivada, e das casas de habitação, que caíram em ruínas, tal como o solar. No entanto, o conjunto dos terrenos, bem como as construções do núcleo central da quinta, mantiveram-se sempre na posse da Sociedade Martins Sarmento que, particularmente a partir da década de 1980, almejou uma reutilização cultural para o conjunto, como complemento a um crescente número de visitantes às ruínas da Citânia. Joaquim Santos Simões, Presidente da Direcção da Sociedade, acarinhou particularmente a reabilitação do conjunto tendo em vista a instalação do Museu da Cultura Castreja (no solar), bem como a recuperação dos restantes edifícios para apoio à investigação arqueológica, apoio ao turismo cultural e área social (Simões 2000). Com estas propostas pretendia-se recuperar, para uma utilização socio-cultural, todo o conjunto da Quinta da Ponte. Com efeito, o primeiro grande passo neste sentido foi dado em 2004 com a criação do Museu da Cultura Castreja, a partir do restauro e adaptação do antigo solar, o que constituiu, a todos os níveis, um significativo esforço para a Sociedade Martins Sarmento.

O Museu é hoje um espaço interpretativo voltado para a figura de Martins Sarmento, e para a investigação em torno da denominada “Cultura Castreja”. Constitui um importante complemento à visita à Citânia de Briteiros, além de ter parcialmente readquirido as suas funções de base logística para os trabalhos de campo que vão sendo efectuados na Citânia.

## 2

### Caracterização da Quinta da Ponte

Os terrenos da antiga Quinta da Ponte concentram-se imediatamente a Sul e a Leste do solar, onde se encontra instalado o Museu. É uma área de cerca de 6 hectares, tendencialmente plana, embora a regularização topográfica tenha sido obtida mediante a construção de dois socalcos. Envolvendo os terrenos pelos lados Este e Sul, o Rio Febras, afluente do Ave, constitui o limite do terreno,

que é portanto, na sua parte mais baixa, uma zona ribeirinha, frequentemente alagada no Inverno. Já a Norte, mais perto do solar, na área regularizada pelos socalcos, e a uma cota superior, o terreno é mais seco.

Instalado o Museu da Cultura Castreja, o terreno e as construções adjacentes ao solar, que formam um conjunto arquitectónico interessante e perfeitamente enquadrado na paisagem, continuam abertos a ideias para uma utilização cultural e turística, que possam gerar interessantes projectos de reabilitação. Além deste particular enquadramento arquitectónico das casas da antiga quinta, que são um exemplo notável da arquitectura rural do Minho entre os séculos XVIII e XX, os terrenos da quinta possuem interessantes características biológicas e paisagísticas que não podem ser menosprezadas na hora de se pensar o futuro deste espaço.

Os terrenos estão rodeados por campos agrícolas de outras quintas, onde prolifera a agricultura mecanizada, particularmente de milho e de kiwis. Abandonados desde a década de 1970, os terrenos da Quinta da Ponte foram anteriormente utilizados para policultura de milho, cereais, vinho, hortaliças e algumas árvores de fruto, como era comum na generalidade das quintas localizadas em pleno vale. Estes terrenos não foram utilizados para culturas agrícolas mecanizadas, com recurso a adubagens químicas entretanto desenvolvidas, nem foram contaminados por espécies invasoras, como a tão comum *Acacia dealbata* (mimosa), ou reflorestados com espécies exógenas como o eucalipto. Apenas se regista o crescimento de alguns exemplares de *Ailanthus altissima* (ailanto). Este factor fez com que a Quinta da Ponte tenha preservado as características biológicas e paisagísticas desde a época em que era cultivada, com amplas zonas que actualmente se podem considerar como pastos, pontilhadas por uma grande concentração de árvores, inicialmente plantadas nos limites dos socalcos e ao longo do rio. Estas árvores, nomeadamente carvalhos, sobreiros e choupos, constituem actualmente como que uma pequena reserva, isolada no meio de uma paisagem progressivamente descaracterizada, quer pela urbanização excessiva, quer por construções industriais, quer por campos de cultivo mecanizados. Além de contribuírem para a manutenção da floresta nativa, estas árvores constituem actualmente uma barreira vegetal que torna o espaço interior da Quinta da Ponte uma área de onde não se vêm as construções actualmente existentes, incluindo o próprio solar.

Tendo em conta as condições excepcionais do espaço da Quinta da Ponte, têm vindo a ser discutidas formas de utilização do espaço que, mantendo o máximo possível as características biológicas e paisagísticas do terreno, o transformem num complemento importante de apoio à dinâmica cultural da Citânia de Briteiros, do Museu da Cultura Castreja e possivelmente também do Castro de Sabroso. Até ao momento, o terreno da quinta tem sido utilizado pontualmente para actividades do serviço educativo da Sociedade Martins Sarmiento, nomeadamente para simulação de escavações com grupos escolares.

A paisagem que se vê do interior do terreno é formada apenas por árvores nativas e alguns cumes dos montes que rodeiam o vale (ver imagem 2). O cenário que precisamos, portanto, para o projecto que começou a ganhar forma na Sociedade Martins Sarmiento.



Imagem 2 – Vista da zona central da Quinta da Ponte, com o monte da Citânia ao fundo.

### 3

## Enquadramento científico de um projecto de adaptação

À partida, a quinta reúne excelentes condições para trabalhos de Arqueologia Experimental, particularmente para recriações cénicas, ou mesmo reconstituição arquitectónica. No entanto, esta hipótese, quando aplicada a contextos construtivos da Idade do Ferro, levanta questões científicas importantes. Com efeito, os castros ou povoados fortificados, diversos na sua morfologia, constituem a única forma de habitat que conhecemos para a Idade do Ferro (Martins 1990; Martins *et alli* 2005). Ainda que os vários povoados inventariados apresentem notórias diferenças a nível de tamanho, densidade construtiva, monumentalidade ou implantação orográfica, todos eles são fortificados e localizam-se no topo de elevações, altas ou relativamente baixas. Partindo deste princípio, e tendo em conta a topografia plana da Quinta da Ponte, localizada numa das zonas mais baixas deste trecho do vale, junto a um rio, seria difícil efectuar aqui reconstituições de estruturas habitacionais ou outras, que são características do interior dos povoados, uma vez que ficariam desenquadradas da sua paisagem antrópica original, e fazendo desaparecer o factor visibilidade, tão importante no povoamento proto-histórico.

Deste modo, e a partir de uma ideia original de Francisco Sande Lemos, começou a pensar-se num projecto de adaptação dos terrenos da quinta a uma exploração agrícola, exclusivamente biológica, que de alguma forma retratasse a utilização dos campos do vale na Proto-história, sem contudo descurar formas de representação dos espaços residenciais da época. A ideia implica um trabalho exaustivo de pesquisa entre as investigações arqueológicas que de alguma forma se debruçaram sobre o cultivo ou recolha de espécies vegetais e o consumo de espécies animais na Idade do Ferro, mas sobretudo implica recorrer a um registo arqueológico pobre em informações no que respeita a práticas agrícolas, ou mesmo alimentares, baseado sobretudo mais em fontes escritas do que em informação recolhida em campo.

Vários trabalhos abordaram a questão da agricultura na Idade do Ferro, particularmente na sua fase final. Na II Idade do Ferro, entre os séculos IV a. C.

e I d. C., surgem diferentes tipos de povoados fortificados, obedecendo a critérios não apenas aparentemente defensivos e de carácter estratégico, mas procurando uma proximidade a terras férteis dos vales, mantendo-se contudo posicionados em elevações (Martins 1990; González-Ruibal 2006-07; Silva 2007). Tal parece ter sido o exemplo de povoados como Sabroso, a poucos quilómetros da área que aqui descrevemos ou como o Lago, em Amares, localizado junto ao curso do Cávado (Martins 1988). Chegou mesmo a definir-se uma tipologia própria de "castros agrícolas" (Almeida 1990), frisando uma relação mais directa entre estes povoados e os campos aptos para cultivo. No entanto, dificilmente poderemos falar de uma exclusividade económica dos castros, onde coabitariam diferentes actividades complementares, além de que a agricultura seria seguramente a base económica fundamental de todos os tipos de castros (González-Ruibal 2006-07).

Apesar desta inexistência de povoados abertos ou localizados em terrenos planos, durante a Idade do Ferro, é ponto assente que a exploração do vale era de uma importância fulcral para a subsistência e dinâmica económica das comunidades que habitavam os castros. A própria Citânia de Briteiros, apesar de uma aparente preocupação defensiva com a escolha do local de implantação, estava relativamente acessível aos terrenos do fundo do vale (parte da Quinta da Ponte está localizada no interior do território teórico de 30 minutos da Citânia, a partir da Casa do Conselho). Uma parte importante dos recursos explorados pelos habitantes da Citânia provinha efectivamente das zonas planas do vale. Ao contrário das zonas mais elevadas, onde se localizariam as pastagens, e de zonas de encosta, com florestas mais densas, o vale reunia, como ainda hoje, condições excepcionais para o cultivo de cereais e hortícolas, além de possibilitar outras actividades, como recolha de madeira de florestas ribeirinhas, pesca fluvial e mesmo bateamento nos rios (Lemos e Cruz 2007).

A partir desta ideia, foi desenvolvido um projecto de manutenção da paisagem e da ecologia do espaço da antiga Quinta da Ponte, com adaptação à prática de agricultura biológica. Este projecto, que adiante se descreve, foi por nós delineado conjuntamente com Francisco Sande Lemos e com a Eng.ª Agrónoma Sofia Silva, que desenvolveu os aspectos técnicos relacionados com a organização dos espaços, selecção das espécies vegetais e animais, regadio e

dinamização cultural desta granja proto-histórica. A ideia foi também inspirada na existência de empreendimentos semelhantes noutros países, particularmente no Norte da Europa<sup>1</sup>, dos quais a quinta Butser (Petersfield, Hampshire, Inglaterra, visível na imagem 3) é o exemplo mais representativo. No entanto, o contexto arqueológico do Noroeste da Península Ibérica apresenta várias especificidades que foram tidas em conta neste projecto.



Imagem 3 – Vista da *Butser Ancient Farm* (Hampshire, Inglaterra) [www.butserancientfarm.co.uk](http://www.butserancientfarm.co.uk).

#### 4

### Descrição global do projecto

A nível do aproveitamento agrícola da área da quinta, o terreno foi dividido por Sofia Silva em seis parcelas (ver imagem 4). A parcela A foi destinada a fruteiras, a parcela B a zona de estabulação de animais, a parcela C, a mais extensa, destinada a campos de cultivo de cereais, hortícolas e forragem, a parcela D como segunda zona de fruteiras, a parcela E como zona de pomar, com instalação apícola, e a parcela F como zona ribeirinha a manter e a utilizar



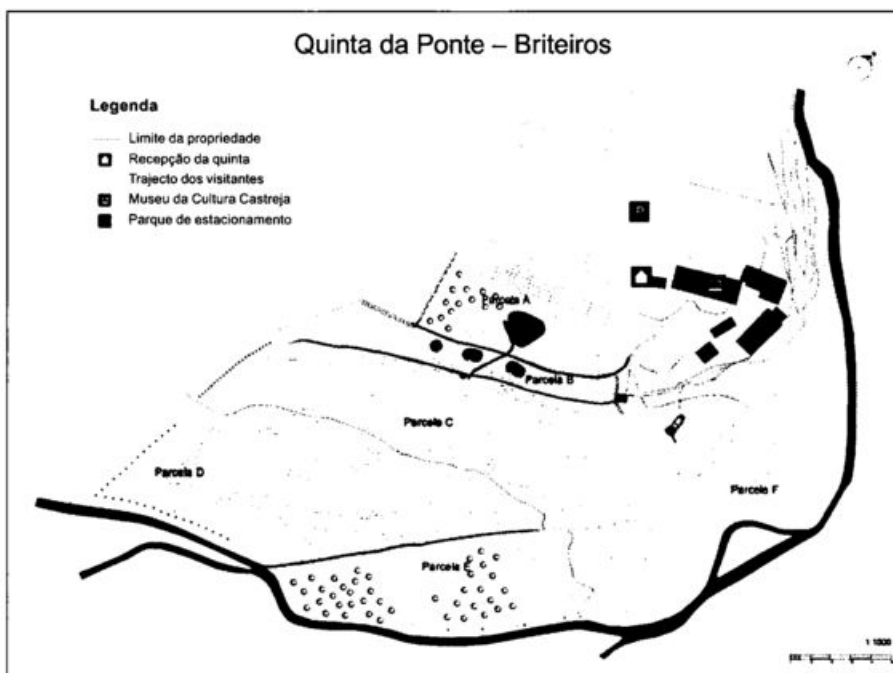


Imagem 4 – Projecção da Quinta da Ponte, com indicação das parcelas e trajecto de visita.

em actividades lúdicas relacionadas com aspectos arqueológicos e ecológicos. A nomenclatura utilizada pode sugerir locais pouco relacionáveis com o mundo da Proto-história, nomeadamente termos como “pomar” ou “fruteira”. No entanto tratando-se de uma aplicação técnica da Engenharia Agrária, torna-se necessário proceder a uma disposição óptima das culturas, tendo em conta critérios como a inclinação do terreno, a exposição solar, a disponibilidade de água, a compostagem de detritos animais e a variação na altura das árvores (Silva 2006).

As espécies a cultivar serão provavelmente o aspecto mais complexo e menos consensual numa possível execução deste projecto, tendo em conta a extinção de determinadas espécies animais e vegetais, desde a Proto-história, e a falta de informação fidedigna em relação à existência de algumas espécies, particularmente vegetais, no Noroeste da Península Ibérica. Ainda que se possa considerar o final da Idade do Ferro como um período histórico de progressiva

transição para um mundo mais dinâmico, mais urbano e mais voltado para os contactos exteriores, a verdade é que existe um maior volume de informação para o período Romano. A aplicação de métodos mais correctos na recolha de macro-restos vegetais, que têm vindo a ser implementados no nosso país, pode ser determinante para o aumento do volume de informação proveniente dos trabalhos de escavação (Tereso 2008).

A nível das espécies animais foram tidos em conta populações como o javali, o corço, o veado, o esquilo, o porco bísaro, o burro mirandês, o cavalo garrano, a vaca barrosã, a cabra bravia, a ovelha bordaleira de Entre-Douro-e-Minho, o coelho bravo e as abelhas. Estes animais colocam-se sobretudo como hipóteses de criação, uma vez que terá que ser feita uma selecção dos mesmos. A nível das espécies vegetais irá ser privilegiada a manutenção de árvores existentes no local, como o carvalho, o freixo, o sobreiro, o castanheiro, o choupo e o salgueiro. Prevê-se também o plantio de outras espécies, tais como: macieira, pereira, aveleira, amora, framboeseiro, groselheira-negra e medronheiro para o caso das espécies frutícolas; couve, lentilha, ervilha, fava e grão-de-bico para as culturas hortícolas; trigo, cevada e painço para os cereais; azevém, trevo violeta, serradela, ervilhaca e tremocilha, para as espécies forrageiras. Prevê-se também o cultivo de espécies relacionadas com a obtenção do vestuário, como o linho, e espécies aromáticas ou medicinais, como o tomilho (Silva 2006).

Na organização das parcelas procurou-se abandonar a compartimentação rectangular das leiras, não documentadas no registo arqueológico.

Do ponto de vista infra-estrutural, e uma vez que se pretende recriar cenicamente uma área de vale na Proto-história, não é enquadrável especificamente neste projecto a reconstrução das antigas casas dos caseiros da Quinta da Ponte, imóveis do século XIX. Pode eventualmente considerar-se uma utilização complementar de parte destes edifícios para determinadas funções técnicas do ponto de vista agrícola. Integrada no projecto está o restauro do antigo sequeiro da quinta, localizado numa zona tendencialmente marginal ao espaço da granja proto-histórica, e sua adaptação a recepção.

A existência de uma zona de cultivo que se revista de um carácter pedagógico em relação à Idade do Ferro, exige a integração da componente de povoa-

mento proto-histórico, não só porque dispomos de um maior volume de dados quanto a este aspecto, mas sobretudo porque entendemos o povoamento e a exploração agrícola no final da Idade do Ferro como dois aspectos necessariamente interligados. Numa tentativa de representar os espaços residenciais proto-históricos dentro do espaço que temos disponível para a execução deste projecto, desenvolvemos uma forma de aproveitar a configuração topográfica da quinta no sentido de recriar, sobretudo do ponto de vista paisagístico, um pequeno núcleo de povoamento na zona mais alta do terreno, actualmente sustentada pelos dois socalcos existentes. Assim sendo, prevê-se a preservação dos muros de suporte dos socalcos, e a sua adaptação a dois alinhamentos defensivos, que irão delimitar uma área de habitat fortificado (imagem 5). Dentro desta área, na parcela B, serão edificadas algumas estruturas circulares, que funcionarão como estábulos para alguns animais. No nível mais alto da elevação, prevê-se a construção de uma unidade doméstica proto-histórica, na zona



Imagem 5 – Zona dos socalcos na Quinta da Ponte.

da parcela A. Deste modo, pretende-se demonstrar o povoamento fortificado característico do período histórico que pretendemos venha a ser a temática deste espaço pedagógico, em contraste com a exploração do terreno plano que lhe fica fronteiro, as parcelas C, D, E e F, acima referidas. Prevê-se também a edificação de uma réplica de balneário castrejo na zona mais baixa da elevação, actualmente uma das zonas onde se verifica maior concentração de água.

Uma vez reconstituído o cenário ideal para este espaço, a granja proto-histórica poderá então tornar-se um espaço visitável, dentro do qual irá ser implementado um percurso de visita que conduzirá os utilizadores ou visitantes ao longo de um passeio pelos variados aspectos da Proto-história e do ecossistema característico desta região.

O cultivo das plantas e a criação dos animais, acima referidos, significará uma produção agrícola biológica que se pretende desenvolver como produtos a comercializar no espaço da quinta. Além disso, os trabalhos agrícolas inerentes ao funcionamento da exploração irão propiciar a realização de determinadas actividades relacionáveis com o mundo da agricultura, que poderão constituir um importante motor de dinamização.

Não sendo propriamente o espaço da quinta destinado a Arqueologia Experimental, pensado sobretudo como uma área de agricultura biológica e reconstituição aproximada de uma paisagem, determinados produtos provenientes da quinta podem potenciar a experimentação arqueológica em vários aspectos: a alimentação, o vestuário, o armamento, os banhos, a arquitectura.

## 5 Conclusão

A partir da ideia inicialmente desenvolvida por Francisco Sande Lemos, o projecto de criar uma granja proto-histórica na Quinta da Ponte foi sendo pensado tendo em conta, por um lado, os aspectos técnicos relacionados com a produção agrícola, seleccionando áreas e espécies, por outro, procurando seguir os conhecimentos que actualmente detemos acerca da exploração dos recursos naturais na Proto-história. Podemos dizer que este projecto, ainda em desenvolvimento, pode vir a criar um espaço de considerável dinâmica cultural, complementar à Citânia de Briteiros e ao Museu da Cultura Castreja, numa região tendencialmente deprimida nos últimos anos, o vale do Ave.

Inspirado nos modelos das quintas experimentais desenvolvidas no Norte da Europa, o projecto da Quinta da Ponte garante a conservação do aspecto actual da quinta, particularmente no que diz respeito à manutenção da floresta, acrescentando elementos que situem o espaço dentro da temática que lhe estará subjacente: a Proto-história e o mundo dos castros.

A inexistência de qualquer espaço semelhante em Portugal, voltado para este período histórico, faz também deste projecto uma ideia inovadora, que pretende atrair públicos interessados num conhecimento mais dinâmico do passado.

### Nota

<sup>1</sup> De entre os vários empreendimentos conhecidos de antigos espaços agrícolas recriados, referimos aqui a *Butser Ancient Farm*, Inglaterra (<http://www.butserancientfarm.co.uk/>), a aldeia da Idade do Ferro de Lejre, Dinamarca ([http://www.sagnlandet.dk/IRON-AGE-VILLAGE-200-BC-200-AD.302.0.html?&no\\_cache=1](http://www.sagnlandet.dk/IRON-AGE-VILLAGE-200-BC-200-AD.302.0.html?&no_cache=1)) e a quinta da Idade do Ferro Jernaldergarden de Ullandhaug, Noruega ([http://www.jernaldergarden.no/Engelsk/eng\\_index.htm](http://www.jernaldergarden.no/Engelsk/eng_index.htm)).

## Bibliografia

- ALMEIDA, C. A. Brochado (1990) *Proto-história e Romanização da bacia inferior do Lima*. Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (2006-07) Galaicos: poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. - 50 d. C), *Brigantium* 19, Boletín do Museu Arqueolóxico e Histórico da Coruña, A Coruña.
- LEMOS, Francisco e CRUZ, Gonçalo (2007) *Citânia de Briteiros. Povoado Proto-histórico. ProtoHistoric Settlement*, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- MARTINS, Manuela (1988) *O povoado fortificado do Lago, Amares*, Cadernos de Arqueologia, série Monografias, 1, Braga, Universidade do Minho.
- (1990) *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia, Série Monografias, 5, Braga, Universidade do Minho.
- MARTINS, Manuela; LEMOS, Francisco e PÉREZ LOSADA, Fermín (2005). O Povoamento Romano no Território dos Galaicos Bracarense, *in III Colóquio Internacional de Arqueologia en Gijón: Unidade y Diversidad en el Arco Atlântico en Época Romana*, BAR International Series 1371, pp. 279-296.
- SILVA, Armando Coelho (2007) *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal* (reedição), Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- SILVA, Sofia (2006) *Memória descritiva preliminar para criação de uma Quinta Proto-histórica em Briteiros* (manuscrito). Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- SIMÕES, Joaquim Santos (2000) *Museu da Cultura Castreja. Um imperativo histórico-cultural*. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- TERESO, João (2008) *Introdução ao estudo de macro-restos vegetais em sítios arqueológicos*. Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto.

## Resumo

Este trabalho descreve de forma genérica um projecto de adaptação de uma antiga propriedade agrícola no Vale do Ave, perto da Citânia de Briteiros, numa granja proto-histórica de carácter pedagógico.

**Palavras-chave:** Quinta da Ponte, Idade do Ferro, Citânia de Briteiros, Museu da Cultura Castreja.

## Abstract

*With this paper we present a general description of a project of adaptation of an old farm estate in the Ave Valley (Northern Portugal), close to Citânia de Briteiros, into an Iron Age Farm with educational purposes.*

**Keywords:** Quinta da Ponte, Iron Age, Citânia de Briteiros, Castro Culture Museum.